



Antenados

(20)14 dicas pra ler

Celso Furtado – Essencial

Antologia que destaca quatro linhas essenciais no pensamento do grande economista. O eixo “Trajetórias” reúne textos de cunho autobiográfico. O núcleo mais relevante de sua obra é, evidentemente, o “Pensamento econômico”, cobrindo um período que vai de 1961 a 1994. De seu livro mais conhecido, *Formação econômica do Brasil*, se inclui o capítulo “Os mecanismos de defesa e a crise de 1929”. A esse núcleo se seguem “Pensamento político” e, por fim, o tema da cultura, que fecha o volume, e tem um lugar destacado no pensamento de Celso Furtado, preocupado a partir de meados dos anos 1970 com a dimensão cultural do desenvolvimento.

Claudio de Moura Castro – Os tortuosos caminhos da educação brasileira

“Durante décadas, intelectuais e gurus da educação denunciaram o capitalismo, o imperialismo e a função da escola de reproduzir a estratificação social. Outros pregaram uma visão hipnotizada por um relativismo infantil, em que não há errado ou certo, tudo depende de ponto de vista. Enquanto isso, países como a Coréia ignoraram tais debates e melhoraram as suas escolas”, afirma o autor -economista e especialista em educação-, que questiona as opiniões vigentes e traz reflexões pouco comuns no ambiente de discussão sobre a educação brasileira. Os capítulos foram organizados de modo a abordar diversos problemas que abrangem todos os níveis de ensino, do fundamental à pós-graduação.

Cristiane Correa – Sonho grande

Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira ergueram, em pouco mais de quatro décadas, o maior império da história do capitalismo brasileiro e ganharam uma projeção sem precedentes no cenário mundial. Nos últimos cinco anos eles

compraram nada menos que três marcas americanas conhecidas globalmente: Budweiser, Burger King e Heinz. Os bastidores da trajetória desses discretíssimos empresários são agora revelados por uma jornalista que acompanha sua história há mais de uma década.

Cristovão Tezza – Um operário em férias

Considerado um dos mais aclamados escritores brasileiros contemporâneos, o autor catarinense (de nascimento: o cenário preferencial de sua ficção é Curitiba, onde vive desde a infância) é um cultor do romance. Mas *Um operário em férias* prova que ele também domina o texto breve. Trata-se de uma coletânea de 100 crônicas publicadas no jornal paranaense “Gazeta do Povo”. Como é próprio dos bons cronistas, Tezza percorre uma grande variedade de temas: o cinema em três dimensões inaugurado por “Avatar”, o vazio do Carnaval em Curitiba, a chegada dos livros eletrônicos, o relativismo moral e o Atlético Paranaense, time do coração do escritor. A todos esses assuntos, Tezza dedica a mesma prosa elegante, a mesma atenção aos detalhes e o mesmo humor.

Daniela Arbex – Holocausto brasileiro

Neste livro-reportagem, a premiada jornalista resgata do esquecimento um dos capítulos mais macabros da história brasileira: a barbárie e a desumanidade praticadas, durante a maior parte do século XX, no maior hospício do Brasil, conhecido por Colônia, situado na cidade mineira de Barbacena. Ao fazê-lo, a autora traz à luz um genocídio cometido, sistematicamente, pelo Estado brasileiro, com a conivência de médicos, funcionários e da população, pois nenhuma violação dos direitos humanos mais básicos se sustenta por tanto tempo sem a omissão da sociedade. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros da Colônia. Em sua



maioria, haviam sido internadas à força. Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava ou que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas violentadas por seus patrões, esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, filhas de fazendeiros que perderam a virgindade antes do casamento, pessoas que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos 33 eram crianças.

Felipe Neto – Não faz sentido. Por trás da câmera.

Criado em 2010 sem maiores pretensões, o Não Faz Sentido tornou-se um fenômeno da internet brasileira e o primeiro canal de vídeos em língua portuguesa a ultrapassar a marca de 1 milhão de inscritos. Confundido muitas vezes com seu personagem reclamão, Felipe Neto expõe nesta obra sua outra face, sem óculos escuros, muito diferente da que se vê em seus vídeos mais famosos. Através de uma linguagem bem-humorada e sem nunca se levar muito a sério, pela lente de quem está por trás da câmera, este livro nos apresenta a história de um projeto cujo sucesso possuiu não apenas toda lógica, como também todos os motivos para se comunicar com uma geração altamente conectada, disposta a revolucionar a maneira como lidaremos com a produção e o conteúdo do entretenimento mundial.

Fernanda Torres – Fim

Primeiro romance da atriz, que consolida sua transição para o universo das letras e mostra que nesse âmbito é uma artista tão completa quanto no palco ou diante das câmeras. O livro focaliza a história de um grupo de cinco amigos cariocas. Eles rememoram as passagens marcantes de suas vidas: festas, casamentos, separações, manias, inibições, arrependimentos. Há graça, sexo, sol e praia nas páginas de *Fim*. Mas elas também são cheias de resignação e cobertas por uma tinta de melancolia. Humor sem superficialidade, lirismo sem cafonice, complexidade sem afetação, densidade sem chatice.

Fernando Henrique Cardoso – Pensadores que inventaram o Brasil

Considerado um dos mais brilhantes intelectuais de sua geração, o autor (com Enzo Faletto) do influente *Dependência e desenvolvimento na América Latina* (1969) aproveita estes dezoito textos para dialogar com seus mestres sobre os temas recorrentes que unificam o volume: o embate entre Estado e sociedade civil, o legado da colonização, as vicissitudes da democracia, os entraves ao desenvolvimento econômico, a promoção da justiça social. Mas além da fina análise dos textos, sempre feita com grande verve narrativa, o ex-presidente contextualiza obras e autores, muitas vezes tratando do impacto pessoal que os últimos lhe causaram.

Ignácio de Loyola Brandão – Carlos Wizard. Sonhos não têm limites

Para despertar o milionário que há em você, busque o caminho das metas altas. Entre duas estradas, escolha a menos percorrida. Ficar rico não é questão de sorte, e sim de postura mental, escolhas e determinação. Não se pode ter medo, vergonha ou culpa por ser rico. O sucesso só é sucesso se você o compartilha com os outros. Os únicos limites aos sonhos são aqueles que você aceita. Este é Carlos Wizard Martins, presidente do Grupo Multi Educação, ensino de idiomas e profissionalizante, que atende mais de um milhão de alunos, com 3 mil escolas no Brasil e em dez países. Wizard nasceu filho de caminhoneiro e aos 12 anos percorria o Paraná trabalhando com o pai. Sonhou estudar em universidade americana, lutou e conseguiu. Começou a vida profissional dando aulas de inglês em casa, à noite, para complementar a renda. Lançou um método revolucionário para aprender inglês em 24 horas. Hoje gera 50 mil empregos e movimentou 3 bilhões de reais anualmente.

Kátia Bagnarelli – Sócrates Brasileiro. Tudo o que vivi com o maior torcedor do Brasil

A maioria já conhece a trajetória de sucesso de Sócrates, não apenas por seu brilhantismo nos gramados, mas também pela visão crítica que inspirou milhares de brasileiros, seja com a criação da Democracia Corinthiana seja



com o empenho e a obstinação da época das Diretas Já. Mais do que encantar em campo, o doutor Sócrates se engajou na luta por um país melhor e continuou a fazê-lo até seus últimos dias. Poucos, porém, conhecem o homem por trás do mito. Narrado pela esposa de Sócrates –a jornalista Kátia Bagnarelli–, com a colaboração de Regina Echeverria, o livro é um relato emocionado dos últimos anos de vida de um dos maiores e polêmicos jogadores de futebol brasileiro.

Laurentino Gomes – 1889

A obra, que trata da Proclamação da República, fecha uma trilogia iniciada com 1808, sobre a fuga da corte portuguesa de Dom João para Rio de Janeiro, e continuada com 1822, sobre a Independência do Brasil. Somados, os dois livros venderam mais de 1,5 milhão de exemplares no Brasil e ganharam quatro prêmios Jabuti, o mais prestigiado da literatura brasileira. Com 24 capítulos e ricamente ilustrado, 1889 contribui para a compreensão de um dos períodos mais controversos da história do país, em um relato cativante que explica não só os acontecimentos que levaram à queda da monarquia, em 1889, mas também outros episódios importantes da história brasileira como a Guerra do Paraguai e o movimento abolicionista.

Lira Neto – Getúlio. Do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)

Nesta segunda parte da grandiosa trilogia biográfica de Getúlio Vargas, o autor reconstitui a trajetória do político gaúcho entre o momento de consolidação do poder após a Revolução de 1930 e o golpe militar que encerrou o Estado Novo em 1945. Amparado por uma minuciosa pesquisa em acervos nacionais e estrangeiros, que incluiu documentos públicos e pessoais, diários, jornais, correspondências, gravações e filmes do período, Lira Neto mostra como e por que, para bem ou para mal, Getúlio Vargas foi “a maior figura política do Brasil no século XX”, na expressão do historiador Boris Fausto.

Martha Medeiros – A graça da coisa

Que o mundo está uma doídice sem tamanho não é preciso dizer. Que estamos cada vez

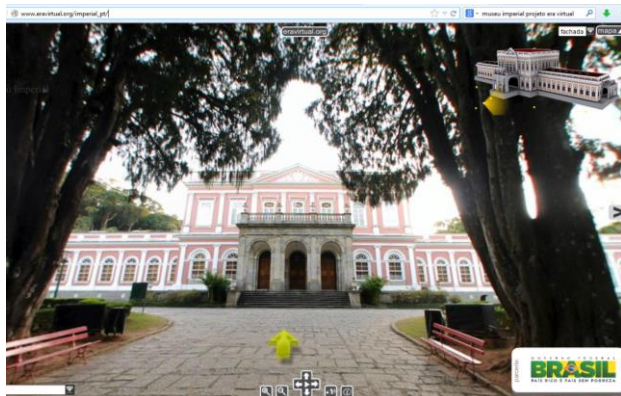
trabalhando mais, ficando mais tempo no celular e no trânsito, nem se fala. Então como sobreviver, ou melhor, como viver em meio a este caos que se transformou a nossa vida? Para Martha Medeiros, a grande questão é se desapegar daquilo que é desnecessário, que nos faz mal, que nos atrasa, e enxergar a graça da coisa, sendo a “coisa”, no caso, a própria vida. Reverenciando a tradição da crônica brasileira, Martha Medeiros fala cara a cara com o leitor, mostrando que não estamos sozinhos nas nossas neuroses diárias. Esta coletânea de oitenta textos que abordam os temas mais caros à autora –o amor, o cinema, os relacionamentos, as relações familiares, entre muitos outros– traz, sem dúvida, alguns dos assuntos sobre os quais mais nos indagamos hoje em dia: um prato cheio para o autoconhecimento.

Otávio Cabral – Dirceu. A biografia

Dirceu foi líder estudantil em 1968, protagonista do histórico congresso da UNE. Capturado, seria um dos presos trocados pelo embaixador americano. Expatriado e isolado em Cuba, quedou-se protegido por Fidel Castro, que o escolheria para comandar –já com um novo rosto– um foco guerrilheiro no Brasil. Desbaratado o movimento, encarcerados ou mortos cada um de seus integrantes, sobreviveria para mergulhar num longo período de clandestinidade, a ser somente interrompido, em 1979, pela anistia. Livre, conheceria o sindicalista Lula, fundaria o PT e se tornaria seu mais afamado articulador político. Em 2003 alcançaria o Palácio, ministro mais importante de um presidente eleito pela esperança. E então o mensalão... De súbito desempregado, era o mais novo consultor da República, capitalista convicto, lobista feito milionário. E então o julgamento do mensalão... A condenação. Não é que Dirceu não tenha, afinal, chegado a lugar algum. Ele chegou a vários. Este livro, porém, é antes sobre os caminhos de um homem que é muitos, e sobre sua capacidade de se reinventar. É sobre o comandante Daniel, o argentino Hoffmann, o comerciante Carlos Henrique, o namorado Pedro Carroço. É sobre as escolhas, muito mais que os fins. É sobre a ambição e o desejo, muito mais que o poder.

Navegar é preciso

A visita virtual ao acervo do Museu Imperial

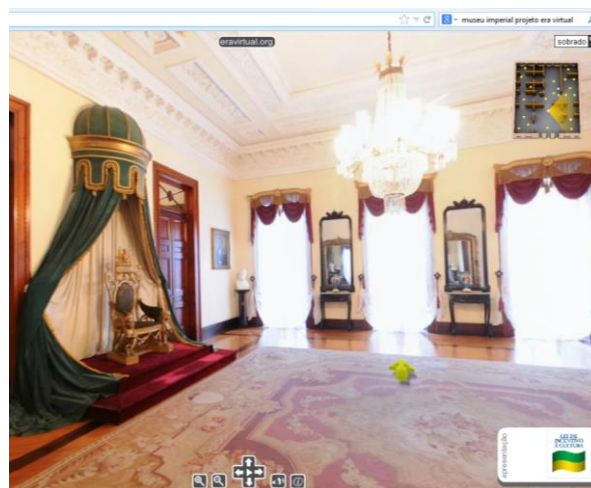


Com público médio de mais de 340 mil visitantes por ano, sendo um dos museus mais visitados do Brasil, o Museu Imperial/Ibram, em **Petrópolis** (RJ), agora passa a ter seu acervo conferido por qualquer pessoa no site: http://www.eravirtual.org/imperial_pt. O novo recurso é resultado de uma parceria com o projeto Era Virtual Museus, lançado em 2010 e especializado em visitas imersivas a instituições museais. Mais do que visualizar as obras, os visitantes irão sentir como se caminhassem dentro do espaço, já que a ferramenta permite visualização em **360°**. Além disso, a visita reserva possibilidades que vão além da visitação real. “Ao entrar na página do projeto, o visitante tem a mesma experiência imersiva que um jogador de vídeo game. Através de setas se pode caminhar por salas, ter informações detalhadas dos objetos e arquitetura, tem auxílio de um áudio guia, mapa e, com algumas peças, a pessoa pode até movê-las”, explica Carla Sandim, coordenadora do projeto.

O palácio de verão de **d. Pedro II**, hoje Museu Imperial, foi a residência predileta do imperador, o local onde ele passou os melhores momentos de sua vida. Sua construção, iniciada em 1845 por determinação do monarca e às expensas de sua dotação pessoal, deu origem à cidade de Petrópolis. O projeto original do major e engenheiro alemão Júlio Frederico **Koeler**, superintendente da Fazenda Imperial, foi

seguido, após sua morte, pelos arquitetos Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo. O piso do vestíbulo, em mármore de Carrara e mármore preto da Bélgica, foi colocado em 1854, destacando-se ainda os assoalhos e as esquadrias em madeiras de lei, como o jacarandá, o cedro, o pau-cetim, o pau-rosa e o vinhático, procedentes das diversas províncias do Império. Os estuques das salas de jantar, de música, de visitas da imperatriz, de Estado e do quarto de dormir de suas majestades contribuem para dar graça e beleza aos ambientes do palácio, um dos mais importantes monumentos arquitetônicos do Brasil. Os jardins foram planejados por Jean Baptiste **Binot**, com a orientação do próprio imperador, e nele se encontram ainda espécies raras da flora brasileira e da estrangeira.

Detentor de um dos mais importantes acervos históricos do Brasil (dispõe de um **Arquivo Histórico** com aproximadamente 200 mil documentos e uma **Biblioteca** com cerca de 50 mil títulos, com 8 mil obras raras), o Museu Imperial é o mais novo dos 14 projetos de visitas online já desenvolvidos pelo projeto Era Virtual. Considerando que 78,9% dos municípios brasileiros não possuem museus, a ferramenta possibilita maior difusão do patrimônio cultural musealizado nacional via acesso digital.





Ao pé da letra

Eu Sei que Vou te Amar

Lançado no elepê *Por toda a minha vida*, do mesmo selo Festa que um ano antes lançara *Canção do Amor Demais*, “Eu Sei que Vou te Amar” foi gravado 24 vezes no mesmo ano de **1959**, tamanho o impacto que teve na cena musical, e a dupla **Tom Jobim** (ver *JornalDaCasa* #12) e **Vinicius de Moraes** (ver *JornalDaCasa* #18) caminhavam assim para se consagrarem definitivamente como a dupla lançadora da **bossa nova**.

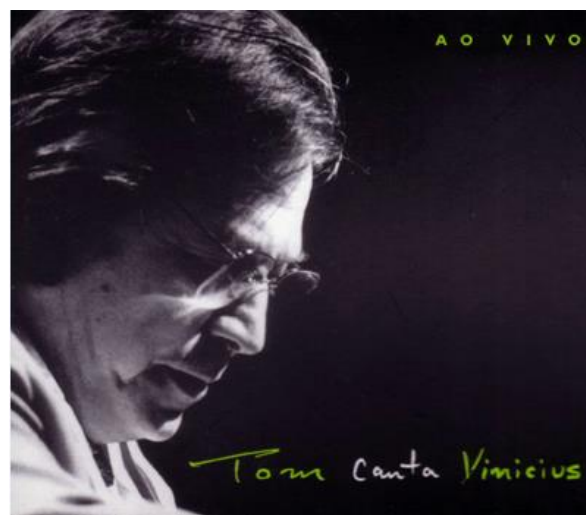
Essa primeira gravação foi interpretada pela cantora de formação lírica **Lenita Bruno**, mulher do maestro-arranjador Léo Peracchi. Porém, a melhor das 24 versões deste samba-canção (mais canção do que samba), altamente romântico, seria a de **Elza Laranjeira**, uma paulista pouco conhecida no resto do país. Companheira de Agostinho dos Santos, Elzinha era dona de uma voz açucarada, de afinação irretocável. Morta em 1986, foi por muito tempo, com Isaura García, a mais destacada cantora do elenco fixo da rádio e TV Record que, ao lado de Neide Fraga, Dircinha Costa e Alda Perdigão, era escalada nos musicais de rotina das duas emissoras. Mais uma vez, uma cantora tradicional, da era do rádio, se debruçava sobre o repertório moderno da bossa nova. Tom e Vinicius estavam cientes da revolução que faziam, mas, ao aceitarem intérpretes clássicas, consagradas pelo vozeirão que dominava à época, pareciam estar com um pé atrás: queriam garantir a aceitação de suas canções, que enveredavam por um estilo jazzístico reelaborado, mas não se afastavam demais do samba.

“Eu Sei que Vou te Amar” é uma composição *standard* em duas partes, nas quais os oito primeiros compassos têm melodia idêntica, encaminhada, porém, por meio de uma sutil alteração harmônica, a diferentes arremates. Entretanto, o ponto alto da canção é a letra. Seu romantismo exacerbado remete a alguns sonetos de Vinicius (ver *JornalDaCasa* #25), que embalaram declarações de amor de toda uma geração. Não foi, assim, por acaso que,

na versão de grande êxito criada em 1972 por Maria Creuza, Toquinho e Vinicius, o poeta incorporou em contraponto à voz da cantora uma enlevada declamação do “Soneto de Fidelidade”.

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar
E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida

Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta ausência tua me causou
Eu sei que vou sofrer
a eterna desventura de viver
A espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida



Discos onde ouvir

Elza Laranjeira – A noite do meu bem (1960)
Maria Creuza / Toquinho / Vinicius de Moraes – La Fusa (1970)
Caetano Veloso – Muito (1978)
Simone – Vício (1987)
Joyce – Negro demais no coração (1988)
João Gilberto – Eu sei que vou te amar (1994)
Milton Nascimento – Amigo (1995)
Tom Jobim – Canta Vinicius - Ao vivo (2000)



Telinhas e telonas

Destino: Rio de Janeiro



O Rio de Janeiro é um cenário favorável para a formação de casais. Praias, bares e boates servem de ponto de encontro de pessoas em busca do amor. Esse é o pano de fundo da minissérie *Destino: Rio de Janeiro*, que estreia este mês no canal **HBO**. Misturando drama e romance, personagens de diversas nacionalidades se cruzam nas ruas da Cidade Maravilhosa.

No ano passado, *Destino: São Paulo* (ver *JornalDaCasa* #12) mostrou histórias de ficção das comunidades de bolivianos, argentinos, chilenos, chineses, coreanos e judeus, que se mudaram para a metrópole. A nova temporada retratará, em seis episódios, as idas e vindas de italianos, gregos, japoneses, americanos, romenos e ingleses, que escolheram Rio de Janeiro para ali morar definitivamente ou fazer dela seu endereço por algum período. A diferença com a antecessora, é que em *Destino: Rio de Janeiro* os casos contados não refletem comunidades de estrangeiros ali abrigados e sim acontecimentos que envolvem estrangeiros na cidade carioca.

Os episódios são:

- *O Grego e o Prático*, com direção de Fabio Mendonça e roteiro de Felipe Braga, narra uma verdadeira tragédia grega no mundo dos marinheiros.

- *Ileana Quer Casar*, com direção do uruguaio César Charlone e roteiro de Felipe Braga. O episódio mostra uma história situada no mundo do culto ao corpo e do universo dos fisiculturistas (foto).

- *Encontro de Takashi*, que tem a direção de Fabio Mendonça e roteiro de José Belmonte. Na história, um navegador solitário e seu gato imaginário chegam à cidade do Rio de Janeiro. Este episódio contará com uma animação em 3D que contracena com os atores.

- *Our New Best Friends*, com roteiro de Pablo Padilha e Cris Gualda, no qual um grupo de ingleses chega ao Rio de Janeiro. Em meio a golpes e estelionato, surge uma história de amor entre dois adolescentes.

- *Il Babbo e Il Capo* conta a história de imigrantes italianos, com roteiro de Teodoro Poppovic e direção de Paulinho Caruso.

- *The Rockstar is Back* tem direção de Cesar Charlone e roteiro de Teo Poppovic. A história apresenta um astro da música pop que descobre ter um filho (foto).

Contando com a participação de atores amadores, a produção é da **O2 Filmes** em parceria com a HBO. “Acredito na possibilidade de continuidade da série, pois o tema das relações de imigrantes e turistas com o nosso país é bom fio condutor de histórias e narrativas”, disse o diretor geral, **Fabio Mendonça**.





Conversafiaada com Rafael Coelho e Amanda Vidal

Destino: O Mundo



Amanda tem 23 anos e é contadora; Rafael tem 27 e é jornalista. Ela ama o dia, ele curte mais a noite; ela é delicada, ele é totalmente destrambelhado; ela não é de comer muito, já ele come pelos dois. Em comum, são completamente apaixonados, um pelo outro, e decidiram largar tudo pra dar a volta ao mundo durante 365 dias.

- Vocês nasceram em Guapimirim (RJ), mas moravam em Niterói. Que influências daqueles lugares reconhecem em vocês mesmos?

- Crescer em uma cidade como Guapi, como ela é carinhosamente chamada, foi essencial para a nossa formação. Ter os pés no chão, viver de modo simples, valorizar a família... tais valores também existem em uma grande cidade, mas no interior você lida muito de perto com a natureza, com as dificuldades de toda uma comunidade, com a dor alheia, com o retrato da decadente política brasileira. Niterói foi a cidade que nos acolheu. Lá é a nossa segunda casa. Apesar de ser uma metrópole, o clima é mais provinciano, você encontra as mesmas pessoas sempre, há muita área verde, praias belíssimas. Em Niterói aprendemos a desfrutar mais a vida, tivemos mais acesso à cultura e nos realizamos enquanto casal.

- No blog (www.mundoaivamosnos.com.br) você disse que “viajar durante um ano pelos quatro cantos do planeta era algo que nem passava pela minha cabeça. Pelo menos até

eu descobrir que era possível”. Quando e em que situação descobriu?

- Vínhamos refletindo sobre a vida, o mundo e outras questões acerca da nossa existência há algum tempo. Mas havia uma inquietação maior dentro de mim... Um dia, entrevistei um publicitário de São Paulo que tem um blog sobre destinos exóticos, o Gabriel Quer Viajar. Gostei tanto do tema que fui pesquisar mais e acabei encontrando blogs de pessoas que deram uma volta ao mundo. Logo pensei: “É isso que eu quero fazer”. Esta decisão também teve uma trilha sonora: Ouro de tolo, de Raul Seixas. Difícil mesmo foi convencer a Amanda!

- Também afirmam que “estávamos acostumados a ter salário, carteira assinada, benefícios, férias etc.”, além de que “não somos irresponsáveis, não ganhamos na loteria nem herdamos fortunas”. Mas mesmo assim, “largar os empregos seria a parte mais tranquila da nossa volta ao mundo”. Expliquem isso.

- Nascermos em uma família de classe média baixa, estudamos em escolas públicas, lutamos muito pela nossa formação universitária e financiamos nosso apartamento. Ou seja, nada foi tão fácil para nós assim como não é para a maioria das pessoas. O normal seria a gente se apegar aos nossos empregos, pois eles garantiam o nosso conforto e a vida estável que levávamos. No entanto, sempre é preciso abrir mão de algo, como fizemos quando saímos da nossa cidade em busca de crescimento. Agora, com a volta ao mundo, estamos fazendo a mesma coisa: transformando as nossas conquistas em aprendizado, em vez de nos tornarmos escravos delas, ficando presos a bens materiais como carro, casa, dinheiro, etc.

- Que lugares vocês mais gostam de conhecer? Quais foram os critérios para escolher os países que pensam visitar?

- Gostamos de belezas naturais, contato com a população local e histórias (de vida e dos



lugares). Este foi o nosso principal critério, além de termos escolhido lugares que sempre sonhamos em conhecer, como Japão, Índia e Grécia. O contraste entre Cuba e Estados Unidos também nos interessa muito, uma vez que buscamos ter uma visão mais ampla do mundo.

- Qual é a sua resposta quando todo mundo deve ter dito pra vocês como sendo brasileiros e morando em Niterói, não vão estar aí para a Copa do Mundo?

- É complicado! Apesar de não sermos apaixonados por futebol, Copa do Mundo é sempre um momento especial para qualquer brasileiro. Em 2014, no entanto, ficaríamos muito divididos entre a torcida pelo nosso país e a descrença de que o evento deixará algum legado para o nosso povo. Precisamos de tanta coisa, como saúde, educação, transporte público... Ser o país do futebol já não basta mais. Além disso, o preço de entrada para os jogos é algo que fortalece e expõe a desigualdade brasileira. É excludente, pois só é acessível para os turistas e uma pequena parte da população. Enfim, vamos ficar divididos por estes dois sentimentos.

- Como se vê o Brasil à distância? De que costumes ou situações vocês tem saudades do Brasil?

- No ano passado, fizemos um mochilão pela Europa com o intuito de buscarmos um lugar onde pudéssemos viver por um tempo. Voltamos de lá com ainda mais vontade de ficar no Brasil, pois percebemos que todos os lugares têm os seus problemas e que o melhor a se fazer é aprender a conviver com eles e contribuir para a mudança. Agora, com quase um mês de viagem, temos a certeza de que vivemos em um país maravilhoso, principalmente pelo seu povo. Todos querem conhecer o Brasil, somos sempre bem tratados quando dissemos que somos brasileiros e percebemos que somos uma potência. A questão da educação preocupa, pois não vemos muita chance de avanço sem resolvemos este problema. No mais, temos saudades do arroz com feijão, assim como dos almoços de domingo com as nossas famílias!

- Uruguai e Brasil: uma semelhança e uma grande diferença...

- Aqui no Uruguai nos sentimos um pouco em casa. O povo é muito amável, admira o Brasil. A diferença está principalmente no tamanho de ambos os países, que impacta diretamente na resolução dos nossos principais problemas. Tudo é menor no Uruguai: violência, trânsito, corrupção... Vocês se orgulham de uma educação exemplar, enquanto a gente lamenta pela péssima qualidade de ensino que recebemos e continuamos dando a nossas crianças. Outra coisa que nos diferencia é o mate. É muito curioso ver esse traço tão forte da cultura uruguaia. Supera o acarajé, o bolo de rolo e a feijoada no dia a dia de qualquer brasileiro!

- O que vocês gostariam que o Uruguai tivesse do Brasil e vice-versa?

Se o Uruguai tivesse praias paradisíacas, arroz e feijão, ele seria perfeito! Daqui, gostaríamos de ter um presidente como o Mujica! Aberto, corajoso, verdadeiro e que não faz politicagem. Ele vive conforme o seu discurso, algo raro nos governantes tupiniquins. Ter a admiração de um povo tão politizado quanto o uruguaio não é para qualquer um.

- Você sempre gostou de uma boa conversa, de ouvir e contar histórias. Tem alguma anedota desta viagem para compartilhar?

- Saímos de Buenos Aires com uma expectativa enorme com o passeio até Colônia do Sacramento, pelo Rio da Prata. Ficamos com a máquina fotográfica a postos, mas pegamos uma tempestade tão forte que quase todos os passageiros passaram mal. Foi o caso da Amanda, que chegou a vomitar durante a viagem. Foi engraçado, apesar de tenso!

- Pra finalizar, como se imaginam o retorno a vossa terra?

Não fazemos ideia de como será a nossa vida após esta volta ao mundo. Por enquanto, estamos focados na viagem e ansiosos para rever nossos familiares e amigos! Ah, e com uma certeza: vamos explorar ainda mais o nosso país, pois o conhecemos muito pouco.